Wisława Szymborska – Efígie

Se os eleitos dos deuses morrem cedo,
o que fazer do resto da vida?

A velhice é como um abismo
já que a juventude é o cume.

Daqui não saio.

Continuarei jovem ainda que numa perna só.

Com bigodes fininhos
como o guincho de um rato
me agarro ao ar.

Nessa posição renasço continuamente.

Não conheço outra arte.

Mas serei sempre eu:

as luvas mágicas,
na lapela a roseta da primeira mascarada,
o falsete dos manifestos juvenis,
o rosto do sonho da costureira com um crupiê,
os olhos que eu gostava de pintar retirados
e de espalhá-los como ervilhas de uma fava,
pois vendo isso tremiam as coxas mortas
da rã pública.

Espantem-se também vocês.

Espantem-se, por cem barris de Diógenes,
que eu o venço em ideias.

Rezem

o recomeço eterno.

Isto que seguro nos dedos
são aranhas que mergulho na tinta nanquim
e atiro na tela.

Estou no mundo outra vez.

Floresce um novo umbigo
na barriga do artista.

Wisława Szymborska, Para o meu coração num domingo